



CARTOGRAFIA DO IMAGINÁRIO: (RE)DESCOBRINDO O PATRIMÔNIO REGINA – LONDRINA, PR

Danieli Barbosa de Araujo
Universidade Estadual de Londrina

Larissa Alves de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina

Denilson Manfrin Goes
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

O presente artigo busca evidenciar, por meio de uma cartografia do imaginário, a relação de um grupo de alunos com o Patrimônio Regina, situado no município de Londrina – PR. O objetivo é desenvolver uma cartografia pessoal, intimista, que demonstre os inúmeros sentidos de uma mesma espacialidade, dessa maneira, buscou-se trabalhar com uma cartografia dotada de significações, que disponha de rigor científico e expresse a realidade e a subjetividade daqueles que a vivenciam. Como metodologia foram aplicadas oficinas de produção de texto, por meio das disciplinas de Geografia e Língua Portuguesa, ao qual os alunos foram instigados a refletir e expressar sua relação de pertencimento, alegria, medo, insegurança, entre outros, com o patrimônio. Os sentimentos expressos por meio das redações deram origem ao mapa que compõe o trabalho. Como resultados, foi possível perceber muitos locais de apreciação e desagrado coletivos que, por meio da cartografia, foram passíveis de serem indicados no mapa final. Por fim, foi possível evidenciar a importância do olhar singular de cada aluno sobre o espaço, buscando valorizar vivências e sentimentos, onde este caminho possibilite para o trabalho docente a construção de um conhecimento crítico, com a leitura de elementos geográficos e a valorização social.

Palavras-chave: Geografia, Cartografia, Lugar, Patrimônio Regina.

IMAGINARY CARTOGRAPHY: (RE)DISCOVERING REGINA HERITAGE – LONDRINA, PR

ABSTRACT

The present article seeks to point, through a cartography of the imaginary, the relation between a group of students and Patrimônio Regina, located in the city of Londrina – PR. The goal is to develop a personal and intimate cartography, which can show the various senses of one spatiality. In this sense, the work was developed by using cartography fulfilled with meanings, but that maintains the scientific strictness e expresses reality and

subjectivity for those who experience it. As methodology, writing workshops were conducted during Geography and Portuguese classes, where the students were instigated to reflect upon and express their relationship with belonging, joy, fear, insecurity, among others, towards the site of Patrimônio Regina. With the results, it was noticed the existence of many sites related to collective appreciation or displeasure, which, through cartography, were possible to be indicated in the final map. In the end, the work shows that it was possible to highlight the importance of each student view about the space, searching to value experiences and feelings, so that this path enriches teaching work with the construction of critic knowledge, through reading geographic elements and through social valuing.

Keywords: Geography, Cartography, Place, Patrimony Regina.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo a cartografia foi considerada um método objetivo de representação da realidade. Os mapas, de conteúdos precisos, restringiam-se a aspectos econômicos, políticos e demográficos ou aspectos mais físicos, como a geomorfologia, clima e vegetação. Pouco ouvia-se falar em mapas afetivos, mapas biográficos, cartografia poética ou imaginária. Todavia, com o passar do tempo, e os debates epistemológicos acerca da cartografia, outras formas mais subjetivas e humanas foram ganhando destaque na forma de cartografar. Hoje é possível mapear memórias afetivas, relações topofílicas e topofóbicas com o espaço, entre tantas outras.

Fazendo uso da tradição humanista no ato de cartografar, o presente trabalho tem por objetivo desvendar, através de uma cartografia do imaginário, a relação de um grupo de jovens estudantes com o Patrimônio Regina, localizado na cidade de Londrina, Paraná. O desafio ganha corpo por meio da aplicação de uma oficina de produção de texto, envolvendo a disciplina de Língua Portuguesa e Geografia, na qual os alunos foram instigados, partindo de seu mundo vivido, a redigir um texto que expressasse suas relações afetivas com o patrimônio, incluindo sentimentos de medo, insegurança, alegria e pertencimento. As redações formaram a base para a elaboração do mapa de sentimentos, revelando a relação destes jovens com o patrimônio supracitado.

Neste sentido, o objetivo do presente texto é traçar uma cartografia pessoal, intimista, que revele os distintos sentidos que um mesmo espaço pode ofertar a alguém, tendo como metodologia o uso de redações, análise dos dados e a elaboração do mapa de sentimentos. Como resultado, nota-se uma cartografia singular, produzida mediante as vivências de cada discente. Essa cartografia, não necessariamente se traduz e restringe em uma página impressa, um mapa com escalas, legendas e título. Há diferentes modos de se cartografar, diferentes narrativas cartográficas, todavia, todas esboçam o real objetivo da cartografia: sua capacidade de comunicação, de se colocar no mundo.

O trabalho encontra-se dividido em três itens. O primeiro intitulado “o Patrimônio Regina enquanto lugar”, busca apresentar o sentido de lugar pautado nos pressupostos da geografia humanista. O mesmo reforça como as experiências vividas em um dado espaço fortalece o sentido de lugar, bem como o ampliar das lugaridades, que resulta na mobilidade de um espaço a outro, pode fragilizar os vínculos com o mesmo. O segundo item apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolver do trabalho, enquanto o terceiro, intitulado “Sob outro olhar, uma cartografia particular” apresenta uma leitura cartográfica, pautada nas narrativas dos estudantes do Patrimônio Regina e a apresentação de um mapa que traduz as percepções e sentimentos destes jovens sobre o local onde vivem e/ou estudam.

O PATRIMÔNIO REGINA ENQUANTO LUGAR

Ao que compete ao processo de ocupação da parte norte do Paraná, o surgimento dos patrimônios rurais do município de Londrina, dentre estes o Patrimônio Regina, aconteceram após a repartição e venda de terras pela Companhia de Terras do Norte do Paraná a partir da década de 20.

Bem como demais cidades brasileiras, em Londrina a maior parte da população reside em área urbana, sendo 97% da população nestes locais, no entanto, a área rural do município correspondente a 90% da área territorial deste (Londrina, s/d, s/p).

Os municípios, segundo consta no Perfil dos Distritos de Londrina (2013, p. 08), são entendidos como "unidades autônomas de menor hierarquia dentro da organização político-administrativa do Brasil", enquanto os distritos, neste mesmo documento, são compreendidos como unidades administrativas dos municípios.

O município de Londrina conta atualmente com 8 distritos, dentre estes está o distrito de Espírito Santo. O distrito é formado pela junção do Patrimônio Espírito Santo, Patrimônio Regina e pequenas comunidades rurais, tendo sido fundado em 1994, por meio da Lei Municipal nº 5.842. Com extensão aproximada de quinze quilômetros ao extremo sul da área urbana de Londrina.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Londrina, a população do distrito Espírito Santo é de 2.638 habitantes na área rural e de 248 habitantes no núcleo urbano, perfazendo assim a quantia total de 2.886 pessoas (IBGE, Censo 2000), números esses cujos moradores afirmam ser maior, algo em torno de quatro mil habitantes.

O trabalho faz uso do nome de Patrimônio Regina, pois, apesar de ter havido a aglutinação dos patrimônios para compor o Distrito de Espírito Santo, há ainda na cotidianidade da população que reside tanto em Londrina, quanto no próprio distrito, o uso de Patrimônio Regina para identificar parte do local, a exemplo do nome do único colégio estadual ali presente, que também carrega Patrimônio Regina em seu nome.

O Patrimônio Regina e o Colégio Estadual do Patrimônio Regina, carregam este nome em homenagem a Regina Helena Carneiro, filha de um fazendeiro dono de grande parte das terras que hoje compõem o Patrimônio. Por meio da Fazenda Seara, por volta dos anos de 1940 havia cerca de 60 famílias que culminou no desenvolvimento de um vilarejo no auge do plantio do café na região. Em 1975, após uma geada que destruiu grande parte dos cafezais, muitas pessoas se evadiram, mudando-se de cidade e diminuindo drasticamente a população local (BAILÃO, 2019). A Figura 1 ilustra o mapa de localização do Patrimônio Regina, buscando apresentá-lo na escala estadual e municipal.

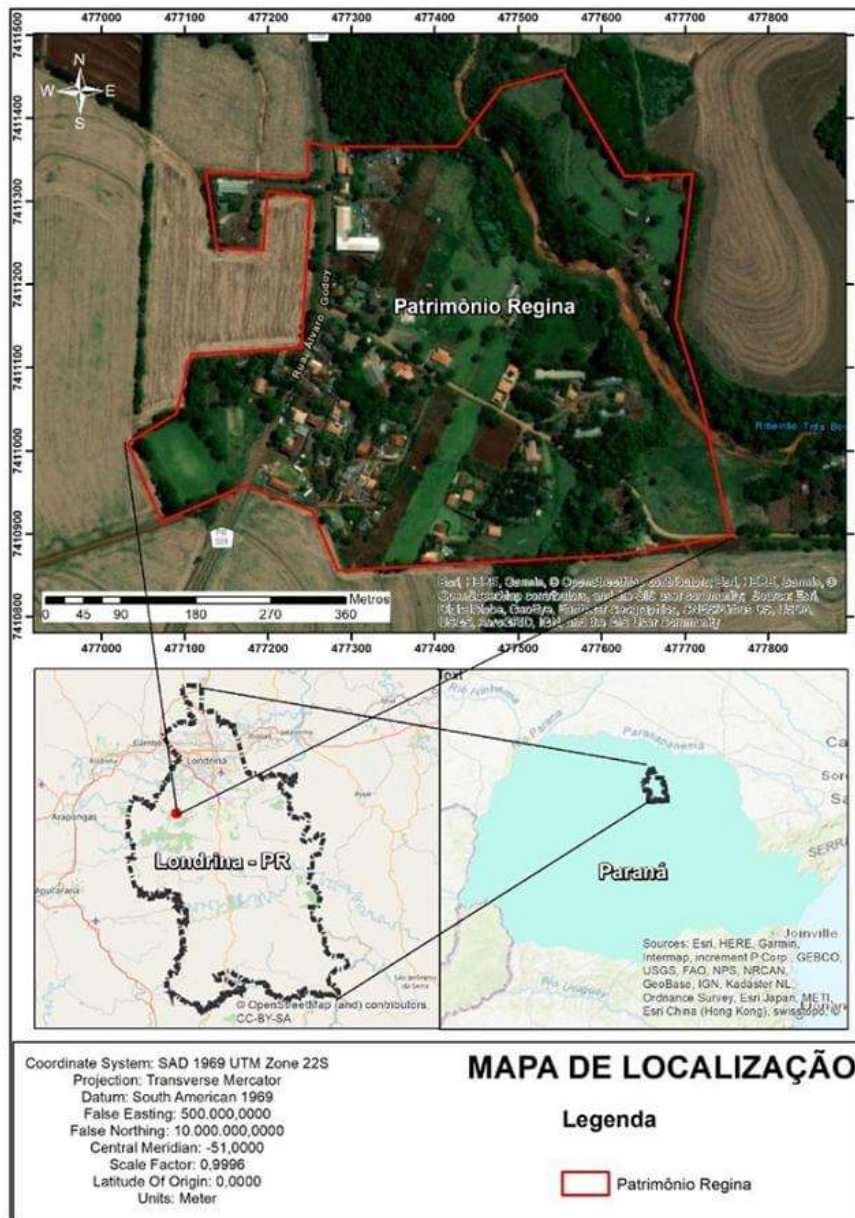


Figura 1 – Mapa de localização.
 Fonte: Autores (2020).

Conhecido por sua gastronomia rural, exibindo comidas típicas da roça, feita ao fogão à lenha, embalado ao som de música caipira, o patrimônio é frequentemente visitado por turistas, que buscam no espaço rural sossego e descanso. Basta alguns minutos do centro de Londrina, em estradas sinuosas acompanhadas pela vegetação verde e pela terra vermelha, para se deparar com o pequeno e grande Patrimônio Regina.

Os aspectos rurais, mesclados com a simplicidade da pequena cidade recebem os visitantes e moradores. Pequeno em sua extensão territorial, mas grande e rico em histórias, cultura e sonhos. As ruas calmas são atração para alguns, tédio para outros. O discreto e calmo cotidiano pode ser inspiração, mas também um pedido de mudança. São muitos os sentimentos que o contato com um determinado ambiente pode proporcionar.

Os visitantes, *outsiders*, (HOLZER, 2014) experimentam e criam significações distintas dos moradores, estes tidos como *insiders*. Os primeiros têm um contato momentâneo com o espaço, estabelecendo vínculos mais leves. Já os moradores ou aqueles que diariamente estão no local, por trabalho ou estudo, tem um contato mais íntimo, o que gera experiências e sentimentos mais marcantes.

Mas, quais seriam os sentimentos despertados naqueles que cotidianamente experimentam o Patrimônio Regina? Entre as ínfimas possibilidades de respostas, tem-se a certeza que a experiência corpórea e o contato com o espaço, são geradores de reais significados. Neste sentido, pensando nas significações que um determinado lugar desperta no indivíduo, busca-se no decorrer da pesquisa, revelar o lugar- Patrimônio Regina - na experiência de alguns estudantes do patrimônio.

O lugar, no senso comum, pode abranger diferentes e variadas escalas: a Terra, o mundo, a cidade, o país, um bairro, o carro, uma praça, uma rua (BRITO, 2017). Aqui, no presente artigo, o conceito toma as dimensões geográficas, em especial, a humanista, na qual a noção de pertencimento, de intimidade e de afeto se faz marcante e presente.

O modo como as pessoas vivem e se apropriam do espaço é distinta, mesmo em ambientes similares. Tal fato faz com que o envolvimento e a ligação com o meio também se tornem dissemelhante. Ora floresce sentimentos de afeição, ou como bem pontua Tuan (1980), *topofilia*, elo afetivo que liga a pessoa ao ambiente. Ora de *topofobia*, visto como aversão a determinado espaço, por medo ou por desprazeres.

As dimensões significativas do lugar, ou seja, o sentido que se atribui a este ou àquele, advém de experiências do habitar, do falar, dos ritmos e das transformações (OLIVEIRA, 2012). Todavia, bem como afirma Mello (2012), os lugares de nossas experiências podem ser transitórios e/ou eternos. Sua efemeridade pode estar associada às incessantes metamorfoses pela qual o ser humano tende a passar; busca de um novo emprego, melhoria da qualidade de vida, faculdade, entre outros. “No íntimo das pessoas, transitivos ou duradouros, os lugares da atualidade ou do passado podem variar de acordo com os valores, a

quebra de preconceitos, a formação de conceitos e aceitação de novas normas” (MELLO, 2012, p.40).

Por vezes o lugar torna-se apinhado (TUAN, 2013) ou seja, torna-se “pequeno”, estrito para as demandas que a vida passa a exigir. A busca por novos espaços, a fim de suprir as necessidades que o primeiro não mais pode atender, é uma característica comum entre os jovens de pequenas cidades, vilarejos e patrimônios. O cursar de novos espaços, dado pelas necessidades, amplia as lugaridades do indivíduo (HOLZER, 2014), podendo distancia-lo do seu lugar, aquele com o qual mantinha uma relação de intimidade.

Dado as lugaridades - relação dialógica e múltipla dos indivíduos com os lugares (HOLZER, 2014) - os novos espaços frequentados podem, partindo da intimidade com o mesmo, se tornar mais importantes que o primeiro. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 14).

Todavia, pode ainda a mobilidade em busca do novo, dos sonhos, de oportunidades, revigorar a identidade e o apreço pelo lugar de origem dos migrantes, na medida em que os põem em contato com costumes díspares dos seus. Neste momento, a saudade do lugar de aconchego, do âmbito familiar, dos hábitos e costumes peculiares, pode aflorar com intensidade.

Frémont (1976), relata que a intimidade com os espaços diminui na medida em que os indivíduos se afastam do mesmo. O cursar de novos espaços traz novas percepções sobre o espaço primeiro. Essas percepções, como já citadas, podem confirmar o sentido de lugar por aquele ambiente em que se passou alguns anos da vida, bem como desabrochar novos lugares.

O corpo, como ferramenta indispensável para a noção de lugar é, segundo Chaveiro (2012), “um guardador de lugares”. O contato com o mundo pela alimentação, moradia, trabalho, escola, demonstram que o corpo é de fato um repertório de lugares vividos. “A vida de um sujeito é inclusa da participação total de sua corporeidade, que por ser assim, o transforma num grande arquivo infinito de sua própria história ligada à história social” (CHAVEIRO, 2012, p.253).

Enquanto guardadores de lugares, reflexo de experiências e vivências, o ser humano é legatário de si mesmo, trazendo consigo conteúdos de memória, pensamento e sentimento que se relacionam aos lugares por ele vivido, os quais eventualmente, passam a ser caracterizados como: seguros, inseguros, agradáveis e desagradáveis. Os sentimentos que vão sendo criados refletem no modo como o sujeito usufrui e participa da vida social do lugar.

Se um lugar inspira medo, por suas ruas sombrias ou pelos grandes muros e cercas elétricas, que parecem dizer que ali há perigo, a experiência urbana torna-se restrita. O sujeito perde o desejo de viver a cidade, o bairro, a rua. Perde gradativamente o poder de ressignificar e encontrar a poética do espaço. Por outro lado, se um lugar inspira segurança, afeto e desejo de explora-lo, seja por seus

espaços pensados para os pedestres, espaços que possibilitam o contato com o outro ou áreas bem arborizadas, a experiência urbana torna-se convidativa.

Diante do exposto, pode-se considerar que o ampliar das lugaridades reforça sentimentos de pertença, bem como desperta o sentido de lugar por novos espaços. Portanto, a corporeidade mapeia no sujeito suas impressões sobre o espaço vivido e a partir destas o aproximam ou o distanciam dos lugares.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este tópico apresenta os passos que possibilitaram atingir os objetivos propostos e nele optou-se por relatar as fases do estudo realizado, não de modo hierárquico, mas sim, como foi organizado e executado.

A população foi composta por 25 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, do colégio Estadual do Patrimônio Regina, Londrina – PR. A idade dos pesquisados compreende a série escolar. Todos possuem energia elétrica nas residências, seus familiares ou responsáveis possuem meio de transporte próprio, sendo a maioria residentes em propriedades rurais pertencentes às famílias.

A realização da intervenção pedagógica contou com a participação da docente Alessandra Cortes, responsável pela disciplina de Língua Portuguesa e de estudantes do curso de Geografia, o que permitiu a união dos conhecimentos, em prol da construção de novos saberes por meio da interdisciplinaridade.

Neste sentido, a proposta utilizada para coleta de dados deu-se por meio de uma oficina de textos, que posteriormente foi analisada, contribuindo para a elaboração do mapa final. Na oficina de texto, o grupo de pesquisados elaboraram individualmente um texto dissertativo-argumentativo, tendo como questões norteadoras para a atividade, os seguintes quesitos: Você reside no Patrimônio Regina? Mora com sua família? Qual sua vivência com o lugar que mora? O que você mais gosta no Patrimônio Regina? Existe algo que você não aprecia no Patrimônio Regina?

Tendo como base as perguntas guias, os estudantes elaboram seus textos. Os mesmos foram lidos e analisados, extraindo-se algumas informações primordiais para o mapeamento afetivo, como os locais que mais se apreciam dentro do patrimônio, bem como o que menos gostam.

O caminho metodológico a partir da pesquisa qualitativa, envolveu duas frentes de trabalho: dados primários e dados secundários, ou seja, de campo e de gabinete. Os trabalhos de gabinete consistiram na seleção e análise de pesquisas em meio eletrônico, bem como seleção e análise de bibliografias envolvendo o conceito de lugar dentro da Geografia Humanista.

Complementarmente, realizou-se levantamentos de dados primários com o mesmo fim, em escala local, no Patrimônio Regina, Distrito Espírito Santo, no município de Londrina (PR). Para tanto, utilizou-se os dados obtidos por meio de questionário, com perguntas bases, que posteriormente ajudaram na elaboração de um texto,

junto aos alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental II, do colégio supracitado. Dessa forma, os trabalhos de levantamento de dados e o delineamento teórico da problemática caminharam em paralelo.

Posteriormente, no passo seguinte, deu-se o mapeamento dos dados levantados e a respectiva sistematização dos mesmos presentes neste artigo, seguido de redação preliminar, organização e, finalmente, redação final e apresentação de resultados. Para confecção do mapa temático, foi utilizado o software QGis, versão 3.4. A base cartográfica foi obtida junto à Prefeitura Municipal de Londrina – SIGLON, sistema de coordenadas Universal Transversa de Mercator – UTM, zona 22S, associada às imagens de satélite obtidas pelo programa Google Earth-Pro, do ano de 2019.

A organização e estudo dos dados deu-se a partir de um instrumental que pressupõe o trânsito entre os dados sistematizados e o referencial teórico, que culminaram na presente reflexão.

SOB OUTRO OLHAR, UMA CARTOGRAFIA PARTICULAR

As perguntas realizadas, em forma de questionário, tiveram como objetivo guiar os alunos na elaboração de um texto, expressando suas relações pessoais com o Patrimônio Regina. As mesmas contribuíram para o desvelar de uma cartografia que evidenciasse os protagonistas da atividade aplicada, os alunos.

É preciso ir além das medidas, coordenadas e objetos para cartografar lugares e incluir contextos e significados na folha de papel. O desafio é estabelecer um diálogo entre as duas culturas da sociedade moderna, as ciências exatas e as humanidades. Para realmente projetar lugares num mapa, precisamos fundir duas culturas da cartografia: a tradição científica e a tradição humanista (SEEMANN, 2012, p. 70).

Nestas palavras, versa a busca de uma cartografia dotada de significação, que tenha rigor científico, mas que transpareça a realidade, bem como a subjetividade daqueles que o fazem. Inspirados pelos escritos de Seemann (2012), na busca de mapear os sentimentos que os alunos têm pelo Patrimônio Regina, algumas perguntas foram realizadas.

- *Qual seu lugar preferido no Patrimônio Regina? Por que este lugar lhe agrada?*
- *Qual o lugar que você menos gosta? Por que este lugar não lhe agrada?*
- *Pretende se mudar do Patrimônio Regina? Por quais motivos?*

Tais perguntas foram escolhidas buscando evidenciar aspectos *topofílicos* e *topofóbicos* para com o Patrimônio Regina, refletindo sobre a concepção de lugar, como exposto no primeiro item deste artigo.

Enquanto resultados, grande parte dos alunos mencionaram que o lugar preferido é a própria casa. “O lugar que mais gosto é o lugar onde moro, porque é calmo”, relatou Letícia. “O que mais me agrada aqui é, sem dúvidas, minha casa e o fato de ser próxima das casas de minhas primas”, descreve Beatriz.

A casa é uma estrutura arquetípica utilizada por muitos filósofos e poetas para falar de intimidade. Bachelard (1993), filósofo e poeta francês, descreve a casa como o nosso canto no mundo, nosso primeiro universo, ou ainda, ambiente em que vivem os seres protetores. Neste ambiente de abrigo e aconchego aflora laços de afetividade.

Ainda sobre a casa, Gratão (2015) pontua,

A casa é analisada enquanto um espaço que, por excelência, cria as raízes do homem no mundo. A casa enraíza em nós. A casa é o nosso ‘canto do mundo’. O canto do ser no mundo, abrigo, amparo, proteção onde se conjuga, articula a intimidade com o mundo. A casa oferece ao homem a segurança da restauração, a segurança do repouso, a segurança do acolhimento. A intimidade reencontrada no interior de uma casa confere ao homem a confiança de ser frente aos apelos do mundo. Só um homem feliz na sua intimidade reencontrada, está certo de ter saído de casa e retornado ao que há no mundo, quando revivido a intimidade da casa vivida (GRATÃO, 2015).

Todavia, em um dado momento da vida a casa, o bairro e os ambientes usualmente frequentados na infância e na adolescência vão se tornando apinhados, ou seja, restritos. A necessidade de estudo ou de emprego faz com que o indivíduo busque novos espaços. “O apinhamento é uma condição conhecida de todos, num ou noutro momento” (TUAN, 2013, p. 79).

Como expressa Mariane, uma das estudantes do Patrimônio Regina, “eu e minha família gostamos de morar aqui porque é um lugar muito calmo. Mas, futuramente quero morar na área urbana para fazer faculdade”. Gabriele, também expressa o desejo de deixar o patrimônio “minha família gosta muito de viver nessa região, eu por outro lado, prefiro a cidade. Eu pretendo futuramente morar lá, pois vou fazer faculdade e lá tenho acesso mais fácil as coisas”.

Além das necessidades de estudo e trabalho, que impulsionam os estudantes a migrarem, muitos são levados a tal processo, ou cultivam este desejo, em virtude das descobertas no âmbito virtual. A acessibilidade proporcionada pela internet,

como relatado por alguns alunos, amplia os horizontes e o desejo de experimentar e viver em outros ambientes. O acesso à internet, deste modo, contribui, naturalmente, com a vontade de desbravar diferentes lugares à medida que coloca em evidência distintos modos de vida e oportunidades.

Analisando os relatos dos estudantes, nota-se que uma parcela cita o colégio como um dos lugares preferidos dentro do patrimônio. O fato se explica pela intimidade, pelo contato quase diário, pela experiência vivida neste ambiente. Um espaço tende-se a se tornar um lugar na medida em que se dedica tempo ao mesmo.

Como cita Mariane "o único lugar que me agrada é o colégio". Isadora também demonstra seu apreço pelo colégio e relata a importância do mesmo "este colégio facilita muito para as pessoas que moram aqui por perto. Acho que se um dia eu deixar o patrimônio será apenas quando eu me casar". Ana Carolina descreve "o colégio é o lugar que eu mais gosto, além de ser um lugar que você tem bons estudos, conhecimentos, tem-se ótimos amigos, professores e diretores".

Esses escritos revelam a escola enquanto lugar, no seu sentido geográfico, do envolvimento, de uma relação construída. A casa enquanto lugar preferido também se insere nessa relação espaço – afeto.

Outro fato que chama atenção nos relatos dos estudantes é a intimidade e o contato com a natureza. Kelly descreve, "meu lugar favorito e também o mais calmo para mim é embaixo de uma árvore". Vitória, também expressa o seu contato com a natureza, "o que mais nos agrada é estar próximos à natureza e o nosso trabalho em família [...] gostamos muito da represa porque vamos pescar, nadar e nos divertir com os familiares".

O contato direto com a natureza, muitas vezes fragilizado nas vivências do meio urbano, são laços fortes criados por aqueles que habitam nas áreas rurais, por estabelecerem nas experiências cotidianas uma relação de refúgio e pertença nesse ambiente. Andressa, expressa um pouco desta intimidade com a natureza "[...] gosto muito quando chove e vem um cheiro de terra molhada e também de admirar o céu estrelado com uma música".

Dos ambientes ou situações que não agradam os estudantes dentro do Patrimônio Regina está a distância do centro urbano, como relata Mariane "o que menos me agrada é a distância para poder chegar nos lugares, pois queria ser mais independente". Renan, também expressa seu descontentamento a respeito da distância, "talvez um dos pontos negativos deve ser a localização dos lugares, por serem um pouco afastados um dos outros".

A distância do centro urbano, muitas vezes, influencia diretamente no desejo de mudança destes jovens. As prioridades individuais podem pesar nos próximos anos, fazendo com que os mesmos optem por viver em um ambiente em que se tenha maiores condições de infraestrutura.

Outro aspecto que parece desagradar os estudantes está no fato da maioria das pessoas do patrimônio se conhecerem. "Numa cidade pequena, as pessoas se 'espiam' mutuamente. 'Espiar' tem tanto o bom sentido de preocupação como o

mau sentido de futilidades e curiosidades. As casas têm olhos” (TUAN, 1983, p. 80). Neste contexto Ana Beatriz, relata “aqui é um bom lugar para se morar, é tranquilo, cercado por rostos conhecidos, por esse fato meus pais gostam de viver aqui e, curiosamente, isso, às vezes, faz com que eu goste daqui e, às vezes, faz eu gostar ainda menos”. Amanda, relata, “às vezes não gosto muito de morar aqui, porque meus vizinhos moram um do lado do outro, isso gera muitas discussões entre eles”. Outro ponto relatado de desagrado dos alunos se refere à unidade básica de saúde (UBS), uma vez que remete a fragilidade corporal e a momentos delicados como de enfermidade.

Tendo as alegrias e os dissabores das vivências desses alunos transcritas e considerando suas particularidades, nota-se que cada qual mapeou, através de palavras, seus sentimentos pelo Patrimônio Regina. Traçaram de forma pessoal, uma narrativa cartográfica baseada em vivências. Este é um exercício frutífero para pensar o espaço vivido e a realidade geográfica. Para que redações tão singulares fossem feitas, essa análise espacial foi necessária, é nesse processo que a construção crítica do pensamento se faz, na ação e reflexão.

Com base nos relatos foi possível elaborar um mapa de sentimentos espaciais, apresentado na Figura 2. Entendendo que a função do mapa seja de representar cartograficamente uma área do espaço, o objetivo foi o de apontar as localidades específicas mencionadas nas redações, de lugares agradáveis à desagradáveis. Não foi possível espacializar elementos como casa ou natureza, visto que se trata de um local singular a cada aluno, ademais, foi possível apresentar lugares mais coletivos como escola, represa, unidade básica de saúde, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no lugar, inicialmente, é base para refletir sobre uma cartografia que é feita de indivíduos para a leitura social, um conhecimento que faça sentido e vá além de banco de dados em institutos, mas que seja popularizada para que de fato cumpra sua função.

Para tanto, é essencial que ainda nos anos escolares os alunos aprendam a fazer uma leitura dos produtos cartográficos não apenas enquanto GPS, mas uma leitura crítica do espaço diante dos vários fatores que influenciam nos resultados por esses produtos cartográficos apresentados. A Geografia escolar deve proporcionar ao estudante a compreensão do mundo em que vive a partir do seu local de vivência, ou seja, a referência ao espaço de vivência do estudante, trabalhando a categoria lugar, não apenas como referência local, mas sim como escala de análise.

O ponto de partida para essa aprendizagem é a leitura do próprio espaço de vivência, dos espaços *topofílicos* e *topofóbicos*, das relações criadas e dos anseios de partida. Tal exercício, torna-se importante para compreensão das dinâmicas espaciais, pois permite aos alunos tomar conhecimento do espaço geográfico, dotado de significados particulares e das relações sociais, sem perder de vista as especificidades que esse lugar adquire diante das transformações espaciais.



Figura 2 – “Mapa de sentimentos espaciais”

Fonte: Autores (2020)

Os simbolismos representam características desse espaço geográfico, cujas individualidades de cada sujeito são evidenciadas em conjunto com os fatos históricos e culturais, fundamentados nas experiências marcadas pela prática do cotidiano e os vínculos afetivos que cada lugar apresenta, tendo em conta as subjetividades do espaço vivido que podem resultar em sentimentos de pertencimento ao lugar, no âmbito das relações socioambientais.

A geração de produtos cartográficos neste ensaio se apresenta como meio de facilitar a leitura desses espaços, de apresentar espaços de afeto e desagrado coletivo, buscando a reflexão do significado dessas localidades, bem como sua valorização.

Por fim, na leitura das redações notou-se particularidades do Patrimônio Regina, sob o olhar desses alunos se apresentam sentimentos e ações, desses frutos, cabe aos docentes o trabalho da construção de um conhecimento que possibilite a formação crítica.

REFERÊNCIAS

BAILÃO, Thaís Maiara; SACHS, Línlya. **Contando uma história sobre o Colégio Estadual do Patrimônio Regina**. Londrina. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3943/2/LD_PPGMAT_M_Bail%C3%A3o%20Tha%C3%ADs%20Maiara_2019_1.pdf> Acesso em: 01 jan 2021.

BRITO, Marcelo Sousa. O lugar que há em nós ou o corpo-lugar que somos nós. **ILINX-Revista do LUME**, n. 12, 2017.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: Elos da Produção da Existência.

In: HOLZER, Werther; MARANDOLA Jr., Eduardo; DE OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual**

o espaço do lugar? São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 249-279.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Portugal, Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

GRATÃO, Lucia. **A 'casa' de Bachelard e sua potência poética na educação**. ENEIMAGEM, Anais. V Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, v.4. p. 149- 159, 2015.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, grupo de estudos urbanos, UNESP, v. 10, n. 17, p. 19-29, out. 2014.

LONDRINA. Prefeitura Municipal. **Siglon**. Downloads. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/downloads-siglon>. Acesso em: 26 out. 2019.

LONDRINA. Prefeitura Municipal. **Distritos da Zona Rural**. Disponível em: https://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613&Itemid=164. Acesso em: 01 jan 2021

MELLO, João Baptista Ferreira de. **O triunfo do lugar sobre o espaço**. Qual o espaço do lugar, v. 1, p. 33-68, 2012.

OLIVEIRA, Lúvia de. **O sentido de lugar**. Qual o espaço do lugar, v. 1, p. 03-16, 2012.

SEEMANN, J. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: Marandola Jr., E; Holzer, W; Oliveira, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo. Ed. Perspectiva. 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da Experiência: Londrina**. 201a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Lúvia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

LARA, M. L. G.; SMIT, J. W. **Temas de pesquisa em ciência da informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2010. Available from: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/000005/00000588.pdf>>. Acessado em: 21 jan. 2012.

Contato com o autor: contato.danielliaraujo@gmail.com

Recebido em: 15/02/2022

Aprovado em: 05/10/2023